



PRÁTICAS LÚDICAS DE MOBILIDADE URBANA: UMA EXPERIÊNCIA EM ESCOLA PÚBLICA NA ZONA LESTE DE SÃO PAULO

*PRÁCTICAS LÚDICAS DE MOVILIDADE URBANA: UNA
EXPERIENCIA EN ESCUELA PÚBLICA EN LA ZONA ESTE DE SÃO PAULO*

EIXO 3 - TECNOLOGIAS, PROCESSOS E DESEMPENHO

**ALMEIDA, Eneida de
DOUTORA**

Docente; Universidade São Judas Tadeu,
Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo
prof.eneida@usjt.br

**IMBRONITO, Maria Isabel
DOUTORA**

Docente; Universidade São Judas Tadeu,
Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo
prof.imbronito@usjt.com.br

**TOURINHO, Andréa de Oliveira
DOUTORA**

Docente; Universidade São Judas Tadeu,
Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo
prof.atourinho@usjt.com.br



PRÁTICAS LÚDICAS DE MOBILIDADE URBANA: UMA EXPERIÊNCIA EM ESCOLA PÚBLICA NA ZONA LESTE DE SÃO PAULO

RESUMO

Esta Comunicação tem como objetivo refletir sobre a realização de experiência extensionista, consistente no desenvolvimento de atividades lúdico-educacionais, por meio de parceria firmada entre um Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo e uma Organização Não Governamental (ONG) que promove ações de conscientização e estímulo à mobilidade ativa, a partir de práticas pedagógicas. Realizada no ano de 2023, no âmbito do Projeto “EducANDO nos espaços públicos: práticas lúdicas em Urbanismo”, foram replicadas as metodologias desenvolvidas pela ONG em uma escola pública situada em contexto de vulnerabilidade social, na Zona Leste de São Paulo. Além de possibilitar aos estudantes adquirirem consciência do seu papel multiplicador no exercício das práticas cotidianas de promoção da mobilidade ativa, essa experiência contribuiu para compreender a percepção da criança e do jovem sobre o ambiente em que vivem.

PALAVRAS-CHAVE: mobilidade ativa. ambiente urbano. percepção ambiental. práticas pedagógicas.

ABSTRACT

From this page onwards, do not include any indication of authorship in the paper. The purpose of this document is to present the guidelines and orientation on how you should prepare your paper for submission to ENANPARQ8. This template is formatted according to these guidelines. You must follow them in order to have your paper considered for publication in the Proceedings of event. Accepted articles will be published exactly as submitted by the authors; therefore, proofreading is a sole authors' responsibility. The first author should have a Master or Doctoral degree. Articles that do not comply with the guidelines will be rejected. Please do not hesitate to contact us at enanparq8@gmail.com, if the guidelines are not clear enough.

KEYWORDS: guidelines. submission. paper. model. architecture.

RESUMEN

Esta Comunicación tiene como objetivo reflexionar sobre la implementación de una experiencia de extensión, consistente en el desarrollo de actividades lúdico-educativas, a través de una colaboración firmada entre un Programa de Postgrado en Arquitectura y Urbanismo y una Organización No Gubernamental (ONG) que promueve la sensibilización y el fomento de la movilidad activa, basada en prácticas pedagógicas. Realizado en 2023, en el ámbito del Proyecto “Educar en espacios públicos: prácticas lúdicas en Urbanismo”, las metodologías desarrolladas por la ONG fueron replicadas en una escuela pública ubicada en un contexto de vulnerabilidad social, en la Zona Este de São Paulo. Además de permitir que los estudiantes tomen conciencia de su papel multiplicador en la realización de prácticas cotidianas para promover la movilidad activa, esta experiencia contribuyó a comprender la percepción de niños y jóvenes sobre el entorno en el que viven.

PALABRAS-CLAVE: movilidad activa. ambiente urbano. percepción ambiental. prácticas pedagógicas.



INTRODUÇÃO

Esta Comunicação tem como objetivo apresentar e refletir sobre a realização de um Projeto de Extensão consistente no desenvolvimento de atividades lúdico-educacionais, por meio de parceria firmada entre o Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Judas Tadeu (PGAUR), São Paulo, e a Organização Não Governamental (ONG) Instituto Corrida Amiga, no âmbito do Projeto “EducANDO nos espaços públicos: práticas lúdicas em Urbanismo”, realizado com fomento do Conselho de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo (CAU-SP). A prática de Extensão foi realizada em 2023, tendo a ONG sido contemplada pelo edital do CAU Educa, projeto criado em 2018 no âmbito da Comissão de Política Urbana e Ambiental do CAU Brasil, cujo objetivo é o de “dialogar com alunos do ensino fundamental sobre educação urbanística ambiental por meio de práticas pedagógicas” (Corrida Amiga, 2023, online).

O Instituto Corrida Amiga, criado em 2014, tem como objetivo principal “sensibilizar a população sobre a necessidade de espaços urbanos mais saudáveis, acessíveis e caminháveis”, buscando “aproximar e conectar as pessoas ao espaço em que vivem, com atividades de sensibilização lúdico-educacionais, desenvolvimento de projetos, pesquisas e manuais — voltados às crianças, universitários, idosos e pessoas com deficiência” (Corrida Amiga, s.d., online).

Além da perspectiva de conscientização, o objetivo da ONG, no âmbito do projeto do CAU Educa, foi a coleta de informações acerca da percepção do estudante quanto ao ambiente urbano, fornecendo subsídios ao pesquisador sobre o olhar da criança e do jovem em relação ao espaço em que vivem.

Sendo de especial interesse esta última perspectiva para o desenvolvimento de estudos sobre a percepção do ambiente urbano, o objetivo desta Comunicação é o de compreender como a aplicação de práticas lúdico-educacionais pode contribuir para as pesquisas sobre as representações urbanas, entendidas como “imagem[ns] mental[is] do urbano criada[s] pelo sujeito e pela sociedade, resultado[s] das relações com este mesmo espaço, sejam estas culturais, econômicas, emotivas, etc.” (Silva, 2001, p. 77).

A parceria firmada entre o Instituto Corrida Amiga e o PGAUR-USJT trouxe oportunidades para ambos os parceiros, na medida em que docentes e estudantes, ao se apropriarem das metodologias do Instituto através de um processo de capacitação, puderam replicar as atividades lúdico-educativas junto a uma escola pública no Itaim Paulista, Zona Leste da Cidade de São Paulo, adquirindo uma experiência muito valiosa no campo da pesquisa e da extensão. Ao mesmo tempo, esse exercício propiciou ao Corrida Amiga, que acompanhou a multiplicação de suas propostas, a oportunidade de avaliar, enquanto observadores, os desdobramentos dessas metodologias com outros grupos e em um contexto de vulnerabilidade social.



Para desenvolver as atividades da parceria, o PGAUR-USJT estruturou um projeto interno de inserção social com a participação de alunos da graduação, mestrado e doutorado, sob a orientação de 3 docentes, autores desta Comunicação.

As metodologias desenvolvidas pelo Corrida Amiga para o tema da mobilidade, a serem aplicadas em escolas públicas, foram transmitidas aos participantes da Universidade São Judas através de reuniões (presenciais e online), duas palestras (presenciais, na Universidade) e um sábado de capacitação na sede da ONG, que contou com dois momentos: o primeiro, direcionado aos participantes em etapa de formação; o segundo, em que esses participantes atuaram como acompanhantes das atividades lúdico-pedagógicas denominadas Circuito do Pedestre e Bonde a Pé, feito com crianças de uma escola pública da Zona Norte da cidade. A primeira delas, compreendendo a simulação da circulação dos estudantes pela cidade, desenvolveu-se na quadra esportiva da sede. A segunda, consistindo em uma caminhada guiada em que se exercitou no espaço público a experiência simulada no interior da quadra, previu o deslocamento da sede até uma grande praça situada nas imediações da ONG - localizado no limite entre o bairro de Pinheiros e o Jardim das Bandeiras -, onde se desenvolveram atividades de recreação, cujo mote se relacionava às práticas de mobilidade ativa. Durante a caminhada, o próprio percurso e a paisagem foram objetos de observação.

Concluída a fase de treinamento, estudantes e docentes do PGAUR-USJT, com supervisão do Corrida Amiga, replicaram a metodologia na Escola Estadual PM Soldado Eder Bernardes dos Santos, situada na extrema Zona Leste da cidade de São Paulo, escolhida por estar inserida em uma realidade de periferia, portanto, distinta daquela em que se deu o treinamento, o que poderia contribuir para problematizar as metodologias empregadas, bem como trazer novos resultados.

Através das atividades propostas, que ocorreram em dois sábados com estudantes do sexto ano e nono ano do Ensino Fundamental, foram percorridos os espaços no entorno da escola, dentro do Conjunto Habitacional Encosta Norte, atravessando a comunidade do Jagatá até chegar ao Parque Santa Amélia (ver Figura 3). No trajeto até o parque, foram cruzadas áreas de assentamento informal e áreas urbanizadas pelo Estado. Ao fazer a escolha dos trajetos, o grupo de pesquisa considerou que a variedade de espaços traria questões importantes sobre a mobilidade em áreas periféricas e sobre a percepção daqueles estudantes sobre o lugar em que vivem.

EM BUSCA DE REFERÊNCIAS PARA AMPARAR A EXPERIÊNCIA DE APROXIMAÇÃO ENTRE CIDADE E CIDADÃO

Richard Sennett (2018), no livro *Construir e Habitar*, trata da relação entre o homem e a cidade, abordando a evolução do espaço público e a forma como o ambiente construído afeta a vida das pessoas. Ao discorrer sobre a cidade, comenta sobre seu duplo significado: “um lugar físico e uma mentalidade formada por percepções, comportamentos e crenças”. Relembra que no



idioma francês antigo duas palavras facilitavam essa compreensão dual contida na ideia de cidade: *ville* e *cit  *. Com o transcorrer do tempo, observa a altera  o de sentido: no século XVI, “*cit  * passou a significar o modo de vida num bairro, os sentimentos de cada um em rela  o aos vizinhos e aos estranhos, e sua vincula  o com o lugar”. Embora nos dias atuais, *cit  * remeta quase sempre “  s áreas sinistras onde se amontoam os pobres nas periferias das cidades”, Sennett (2018, p. 11) sugere que o antigo significado deveria ser resgatado por corporificar a distin  o fundamental: a diferença entre o ambiente construído e a maneira como nele habitam.

A discussão prossegue aventando possibilidades de se alcançar equilíbrio e harmonia entre *cit  * e *ville*, o que não necessariamente corresponde    procura por simplifica  o e padroniza  o dos modelos construídos, mas sim a busca por formas abertas    experimenta  o de modo que o ambiente físico pareça “decorrer da maneira como habitamos e de quem somos” (Sennett, 2018, p. 25), que abrigue grande diversidade humana, com distribui  o de riqueza e poder por todo o organismo social. O que está por trás dessa reflexão    o questionamento do planejamento tradicional para se alcançar uma condi  o desejável de harmonia entre *cit  * e *ville*. O desafio    compreender a cidade do ponto de vista   tico, como um lugar que tolera diferenças na mesma medida que promove igualdades.

Em dado momento, Sennett pergunta: Como poderia o urbanismo ser praticado em espírito modesto numa escala mais ampla? A resposta vem associada a uma condi  o pessoal de fragilidade, em que o autor, em um período de recupera  o, após um grave derrame, declara que, ao precisar se esforçar para estar em ambientes complexos, curiosamente, expandiu o senso do ambiente.    revelador pensar que a fragilidade fez despertar outra forma de interagir com o meio urbano:

Um urbanismo mais vigoroso também precisa ser mais visceral, pois o lugar e o espaço ganham vida no corpo. (...) o urbanismo proativo pode combinar com modéstia   tica. Modesto não significa subserviente; o urbanista deve ser um parceiro do urbanita, e não um criado – ambos em atitude crítica sobre a maneira como se vive e exercendo autocr  tica naquilo que constroem (SENNETT, 2018, p. 28).

   possível considerar as práticas analisadas a seguir como tentativas de produzir um urbanismo mais sensível, cooperativo e auto-crítico, nos termos delineados por Sennett? A busca por aproxima  o entre cidadão e cidade pode propiciar a aproxima  o entre urbanista e cidadão?

AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DESENVOLVIDAS PELO INSTITUTO CORRIDA AMIGA

Com base na premissa de que a cidade pode ser experienciada como um território educativo, enquanto lugar de observa  o e objeto de análise crítica, o Instituto Corrida Amiga procura alcançar, sobretudo, crianças e jovens que constituem a faixa etária de escolariza  o obrigatória - dos 4 aos 17 anos -, dando voz a eles, colhendo as suas percep  o  es, ao mesmo tempo em que



estimula o exercício da cidadania e o desejo de cuidar do ambiente em que se vive. Esses são os pressupostos em que se apoiam as práticas pedagógicas criadas pelo Instituto, enquanto ferramentas metodológicas aptas a aproximar as crianças e jovens ao tema da crise climática, de maneira transversal e, assim, ressignificar o vínculo de pertencimento entre o indivíduo - e o coletivo - e o meio urbano.

Como já mencionado, dentre as diversas atividades criadas, adaptáveis às diferentes faixas etárias, as duas escolhidas em nosso exercício de experimentação e de multiplicação foram o Circuito do Pedestre e o Bonde a Pé.

O Instituto Corrida Amiga define o Circuito do Pedestre como “uma atividade focada em sensibilizar crianças e jovens estudantes sobre os conceitos de mobilidade ativa e coletiva, transporte a pé, acessibilidade e, principalmente, cidadania”. O objetivo da prática, segundo a ONG, “é simular as mais variadas situações de nosso sistema de mobilidade, permitindo que os(as) participantes absorvam e aprendam conceitos simples de mobilidade urbana através da vivência recreativa” (Stuchi, 2022, p. 29).

A primeira parte desta prática consiste em uma roda de conversa na qual o tema da acessibilidade no espaço urbano é problematizado, através da explicação de procedimentos e práticas relacionadas à mobilidade de pessoas com deficiência e da discussão sobre a sinalização urbana. A seguir, monta-se o circuito, com a participação de todos - estudantes e monitores -, em um espaço amplo e, de preferência, coberto, onde são distribuídas as estações equipadas com elementos apropriados para cada tema: faixa de pedestre, pisos podotáteis, “amarelinha do ônibus”, “calçada cilada”, etc. Há também a presença de espaços lúdicos para práticas espontâneas que ocorrem no espaço urbano, como a dança. À medida em que se constroi o percurso, são discutidas as regras do jogo e o significado de cada estação, equivalente à “casa” de um enorme tabuleiro, que coincide com o próprio circuito, em que as peças do jogo são os corpos em movimento. Ao final, a roda é refeita para uma discussão final da atividade.

O Bonde a Pé, segundo o Corrida Amiga, é “uma caminhada pela cidade que busca despertar o olhar crítico e observador para a rede de mobilidade a pé e para os espaços e equipamentos públicos” (STUCHI, 2022, p. 45). Pretende estimular diferentes percepções do percurso pré-estabelecido, com o duplo propósito: reconhecer não apenas as qualidades, mas também os desafios de se locomover pela cidade, por meio da circulação a pé como meio de transporte principal. Durante o percurso, é chamada a atenção para as condições de fruição, como o tempo semaforizado, as faixas de travessia, os elementos de acessibilidade, a largura das calçadas, a presença ou ausência de arborização, como também para uma apreensão sensível, ligada aos cheiros, ruídos e texturas perceptíveis no trajeto.



PRÁTICAS LÚDICAS DE MOBILIDADE URBANA: A EXPERIÊNCIA EXTENSIONISTA NA ZONA LESTE DE SÃO PAULO

A aplicação de práticas lúdicas junto à Escola Eder Bernardes dos Santos (“Como você chegou até aqui?”, “Circuito do pedestre” e “Bonde a pé”), com base na apropriação das metodologias desenvolvidas pelo Corrida Amiga por estudantes e docentes do PGAUR-USJT, foram permeadas por algumas inquietações por parte do grupo de trabalho. O primeiro desafio consistiu em contrapor, no mesmo dia, duas atividades realizadas em condições opostas: Circuito do Pedestre e Bonde a Pé. O Circuito do Pedestre condiciona os alunos-participantes a um circuito fechado em ambiente controlado, onde eles têm contato, em condições ideais, com dispositivos pedagogicamente montados para o exercício simulado da mobilidade na cidade. A sequência contém estações direcionadas principalmente a questões de acessibilidade do pedestre (sinalização urbana, condições do trânsito e da calçada, reconhecimento e priorização de pessoas com deficiência, etc.). Por outro lado, o Bonde a Pé, a segunda atividade aplicada no dia, iria transcorrer em um percurso que atravessaria uma área de urbanização precária, evidenciando problemas como a falta de saneamento, de drenagem, pavimentação urbana, com ausência de iluminação pública, acessibilidade, entre outros. O contraste entre a condição idealmente montada no Circuito do Pedestre (a cidade sinalizada com faixas de pedestre, sinais de trânsito, faixa podotátil, etc.) e a condição real do espaço público percebida durante o Bonde a Pé (como trechos sem calçada, escadas improvisadas com degraus fora de norma, ausência de faixa de travessia para pedestre, transposição em pinguela sobre córrego a céu aberto) era um ponto a ser observado pelo grupo de pesquisadores.

Uma segunda motivação para a realização das práticas lúdicas na escola escolhida relacionava-se à percepção da cidade periférica por crianças que a vivenciam cotidianamente, coletando impressões espontâneas e anotando os elementos que marcam suas experiências. Essas impressões seriam coletadas principalmente durante a atividade “como você chegou até aqui”, e durante um momento de observação da paisagem a partir de um ponto alto do terreno da escola, antes de iniciar a caminhada no espaço do entorno. Na prática, elementos presentes no cotidiano dos participantes foram elencados pelos estudantes em vários outros momentos das atividades lúdicas. Os relatos espontâneos revelam um material a ser confrontado pelas observações dos pesquisadores excursionando por um território estranho. A naturalização ou estranhamento das experiências no espaço público por parte de participantes e pesquisadores é um ponto de interesse que enriquece a experiência tanto para as crianças como para os pesquisadores, que aprendem com a atividade e com a ida ao território.

O Circuito do Pedestre aplicado na Escola Soldado Eder surpreendeu pela participação dos estudantes na roda de conversa. Os estudantes estavam atentos e desejosos de contribuir com relatos de suas vivências na cidade. Muitos demonstraram conhecimento da sinalização urbana ligada à mobilidade e apresentaram depoimentos espontâneos sobre situações vividas, como travessia em farol com tempo insuficiente, dificuldade de mobilidade com a perna quebrada, etc (Figuras 1 e 2).



Figura 1 - Estudantes atentos e com as mãos levantadas para acrescentar suas experiências de mobilidade urbana na roda de conversa que precedeu o Circuito do Pedestre. Fonte: Autores.



Figura 2 - O Circuito do Pedestre proporciona o aprendizado de elementos da mobilidade urbana em condições lúdicas e controladas. Fonte: omitido.

Conforme mencionado, segundo o Instituto Corrida Amiga, o Bonde a Pé é uma caminhada de aproximadamente 1 hora com cerca de 20 participantes, por um trajeto pré-determinado que contém uma parada em local acolhedor ou de interesse para o desenvolvimento de atividades criativas e recreativas relacionadas à rotina de circulação na cidade - desenhos, mímica, relato espontâneo da experiência de observação do espaço urbano e das sensações despertadas durante a caminhada, em que realidade e imaginação se embaralham, misturando percepções e desejos. O trajeto “busca despertar o olhar crítico e observador para a rede de mobilidade urbana e para os espaços e equipamentos públicos” (Instituto Corrida Amiga, 2023, p.18), promovendo a experiência direta das condições do meio físico como calçadas, rampas, sinalização urbana, segurança de pontos de travessia, e de elementos de percepção como cheiros, sons, condições de sol, sombra, etc. Para interagir com o ambiente, os participantes, organizados em fila dupla, recebem dispositivos de mediação da observação, como binóculos, contadores e sacolas para coleta do lixo encontrado no caminho, e dispõem de um tempo de



parada para o registro ou desenho dos elementos que chamaram sua atenção, feitos em uma ficha individual que acompanha a atividade. O processo é observado pelos pesquisadores, atentos à coleta de dados a ser realizada por meio do registro de comentários, comportamentos e reações dos estudantes durante as várias fases da atividade.

Aplicado com estudantes da Escola Soldado Eder, o planejamento do trajeto contou com conhecimento prévio de pesquisadores que estudam o Conjunto Encosta Norte. A definição do percurso final ocorreu em conjunto com os professores da escola. Um trajeto preliminarmente selecionado foi inviabilizado pela falta de sombra no ponto de parada, um campo de futebol de terra batida situado a poucas quadras da escola. Outro ponto de parada pré-selecionado, a Casa de Cultura do Itaim Paulista, não tinha disponibilidade para acomodar o grupo na data escolhida. O ponto escolhido em definitivo foi o Parque Santa Amélia, também nas proximidades da escola. Na entrada do parque, um galpão coberto serviu para acomodar as atividades feitas com as crianças.

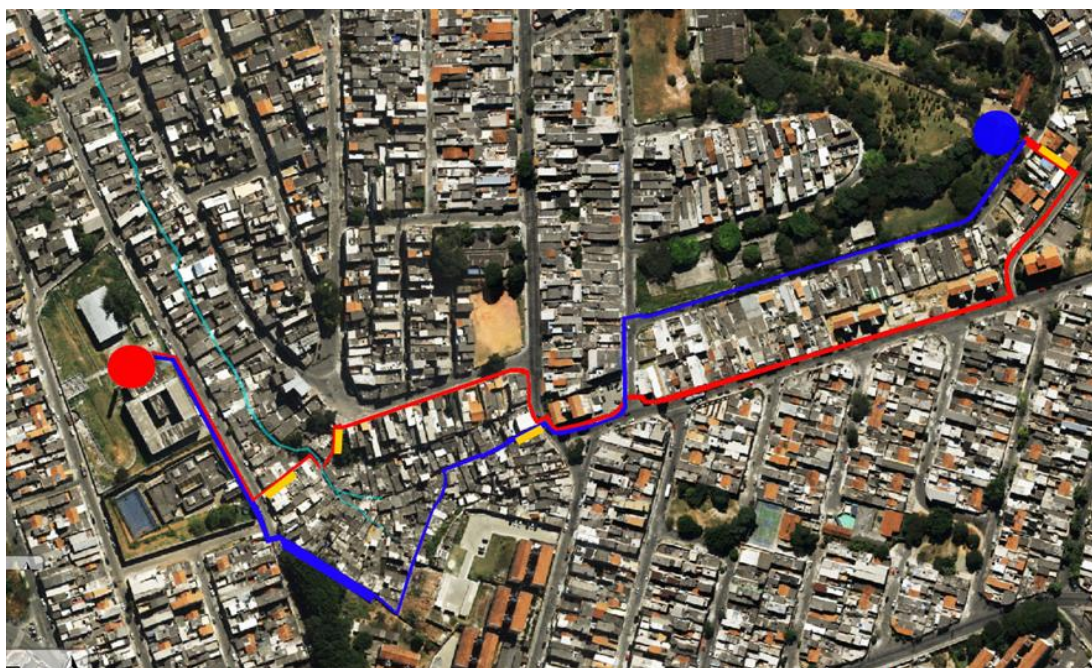


Figura 3 - Trajeto do Bonde a Pé, desde a escola (círculo vermelho) até o Parque Santa Amélia (círculo azul). A linha em vermelho marca a ida; em azul, a volta. A linha em azul claro marca o curso do córrego Tijuco Preto. Em amarelo, são assinaladas as quatro escadarias do trajeto. Fonte: Autores, modificado de GeoSampa.

Ao final, optou-se por cortar caminho pela Comunidade do Jagatá, em trajeto anteriormente utilizado pela escola para conduzir alunos à Fábrica de Cultura. A proposta veio ao encontro do desejo dos pesquisadores de explorar o contraste entre o simulado Circuito do pedestre e o real percurso do Bonde a pé. O trajeto consistiu em subir um pequeno trecho da rua da escola (Rua Ary Cordovil) até adentrar a comunidade por meio de uma escadaria na Travessa do Escorpião, alcançando a cota mais baixa, onde uma pinguela possibilitou cruzar o córrego do Jagatá. Do



outro lado do córrego, outra escadaria permitiu subir até a Rua Reduções. Uma vez atravessada a comunidade, o grupo seguiu por vias do Conjunto Encosta Norte (Ruas Estudantes da China e Ilha da Paz), onde transitou por mais uma escada para sair em frente à entrada do parque.

O registro fotográfico do grupo, realizado durante o trajeto, mostra estudantes atentos, observando o chão, os muros e o entorno enquanto se divertem interagindo entre si e com passantes que cruzaram o caminho do Bonde a Pé.



Figura 4 - O Bonde a Pé atravessa a comunidade Jagatá na ida ao Parque Santa Amélia. Na primeira imagem, o grupo aguarda a travessia do Córrego Jagatá após descer a primeira escadaria. Na segunda imagem, um professor chama a atenção para o córrego Jagatá e estudantes, atrás, observam. A escada da terceira imagem permitiu alcançar a Rua Reduções. Fonte: Autores.



Figura 5 - Trajeto do Bonde a Pé pelas ruas do Conjunto Encosta Norte. Nota-se a calçada esburacada na segunda imagem e ausência de faixa de pedestre na terceira imagem. Fonte: Autores.



Figura 6 - Escadaria em frente ao Parque Santa Amélia. Alguns estudantes preferiram se arriscar pelo plano inclinado na lateral da escada, em vez de utilizar os degraus. Notam-se os pixos nos muros, referência presente nas representações dos estudantes sobre a cidade, como se verá a seguir. Fonte: Autores.

Uma vez dentro do Parque Santa Amélia, o equipamento urbano ofereceu bebedouro, sanitários e um galpão coberto que propiciou a sombra necessária para abrigar atividades de desenho. Organizados em grupos, os estudantes desenharam e expuseram as percepções do trajeto (o córrego, o escadão e o lixo), manifestando seus desejos por uma cidade acolhedora, organizada,



limpa e amigável, com a representação de árvores, sinalização de trânsito, piso podotátil e pessoas em cadeira de rodas, estabelecendo uma relação direta entre a percepção da cidade real e a demonstração dos elementos urbanos experimentados durante a atividade do Circuito do Pedestre.



Figura 7 - Grupos de estudantes realizam atividades de desenho em galpão no Parque Santa Amélia. Fotos: omitido.



Figura 8- No desenho à esquerda, nota-se a presença de escadaria, córrego, lixo e pixo, presenciados no trajeto do Bonde a pé. No desenho à direita, observam-se pisos táteis, contêineres para reciclagem de lixo e sinais de trânsito, mostrando o desejo por um espaço público acessível, limpo e arborizado. Fotos: Autores.

Surpreendeu o fato de que alguns estudantes visitassem o parque pela primeira vez naquele dia. Da mesma forma, muitos professores também não conheciam o lugar. Numa área tão densamente ocupada, em que prevalece a condição de vulnerabilidade dos assentamentos irregulares, o parque era percebido pelos pesquisadores como uma espécie de oásis no deserto, um lugar qualificado com muito potencial a ser explorado, seja pelos moradores como espaço de lazer, como também pela escola como espaço educativo. Essa percepção foi reforçada pela experiência do Bonde a Pé, quando os professores manifestaram o desejo de maior utilização daquele espaço pela escola. Para os estudantes, o percurso e o parque representaram uma oportunidade para “passear” pelo bairro e explorar o território em busca de situações



agradáveis, sem se limitar a transitar de um lugar a outro, em deslocamentos meramente funcionais.

O caminho de volta à escola foi animado, pois os estudantes fizeram parte do trajeto cantando espontaneamente uma fala avisando à vizinhança que o “Bonde da Soldado Eder estava passando”. Apropriaram-se da atividade (Bonde a Pé) marcando presença no território. Quando o Bonde adentrou a comunidade Jagatá, na parte final do trajeto, os estudantes encontraram amigos da escola e festejaram esse acontecimento com alegria.

É interessante lembrar que o Circuito do Pedestre contém estações destinadas à dança e ao movimento, em referência a usos espontâneos que acontecem na rua. Porém, a dança realizada no Circuito do Pedestre é, em geral, tímida, mecânica ou rápida, como se o estudante precisasse cumprir o movimento para passar à estação seguinte. Já no percurso do Bonde a Pé, os participantes mostraram outro comportamento: o improviso e a música ocorreram de forma natural e a diversão fez parte do trajeto, como se observa nas Figuras 5 e 6.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De início, convém ressaltar a importância da parceria com o Corrida Amiga, pela experiência do Instituto, no desenvolvimento de um trabalho em favor da mobilidade ativa, envolvendo crianças e jovens em atividades lúdico-educativas, propiciando um relevante potencial de transformação da relação entre estudante e cidade.

Foi possível reconhecer que tanto as práticas de simulação do deslocamento no espaço urbano (o Circuito do Pedestre), quanto o exercício da caminhada (o Bonde a Pé), enquanto ações lúdicas e participativas de compreensão das boas práticas de mobilidade e de convívio no (e com) espaço público, bem como de exploração e releitura do território, exercem um impacto significativo no comportamento dos estudantes, visível no engajamento deles nas atividades propostas, favorecendo fortalecimento de vínculos entre os indivíduos e o ambiente urbano.

A experiência de multiplicação das metodologias adotadas pelo Corrida Amiga em uma área bastante distinta daquela em que se desenvolveu a fase de treinamento possibilitou tecer comparações entre os diferentes comportamentos dos estudantes na relação com o espaço urbano, indicando, a princípio, uma maior autonomia e desenvoltura dos estudantes do Itaim Paulista no deslocamento pelo espaço público, em relação aos estudantes da mesma faixa etária que participaram das atividades na sede do Instituto. Essa constatação pode ser explicada pelo fato de que os primeiros estavam em sua escola e circularam em ambientes do convívio cotidiano, ao passo que os estudantes da Zona Norte, ao participarem das atividades na sede da ONG, exploravam espaços até então desconhecidos.

De todo modo, a prevalência da modalidade de deslocamento a pé no trajeto casa-escola dos estudantes do Encosta Norte, perceptível na desenvoltura com que se deslocavam durante a



atividade do Bonde a Pé, consentiu que eles assumissem a condução do grupo pelas vielas, alterando o percurso inicialmente definido.

Uma predisposição inicial de adesão à experiência de explorar a cidade, de observar o espaço público e analisá-lo em suas condições de uso e apropriação, de conforto e hospitalidade, ou inversamente, de desconforto e hostilidade, pode, se estimulada com frequência, transformar uma vivência passiva e acrítica, em uma experiência ativa e criativa, revelando o potencial educativo da ação. Na medida em que os estudantes adquirem sensibilidade e consciência do seu papel multiplicador no exercício das práticas cotidianas de promoção da mobilidade ativa e, de consequência, da melhoria da qualidade de vida urbana, de um lado, compreendem a importância de temáticas transversais, como educação ambiental, saúde – por meio do incentivo às atividades de esporte e lazer, combate ao sedentarismo –, de outro, conquistam uma condição importante de (re)conhecimento do espaço urbano, e de se reconhecerem nele.

A chance de aproximar estudantes da graduação em Arquitetura e Urbanismo a discentes da pós-graduação, numa ação de caráter extensionista, que extrapola os muros da universidade para alcançar os estudantes de escolas públicas, de diferentes regiões da cidade, em especial de áreas periféricas, construindo um aprendizado de mão-dupla, propiciando seja a desconstrução de visões pré-concebidas, seja a descoberta dos territórios explorados, foi mais uma das essenciais aquisições dessa experiência.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Eneida; IMBRONITO, Maria Isabel; TOURINHO, Andréa de Oliveira et al. **Sensibilização para percepção e exploração do ambiente escolar e entorno: vivência e capacitação com o Instituto Corrida Amiga**. Relatório de Pesquisa, 2023.

INSTITUTO CORRIDA AMIGA. **A cidade sob o olhar das crianças a partir da mobilidade urbana**. São Paulo: Corrida Amiga, CAU-SP, 2023. Disponível em: https://corridaamiga.org/wp-content/uploads/2023/11/CAU-EDUCA_Corrida-Amiga-Publicacao-.pdf. Acesso em: 6 abr. 2024.

SENNETT, Richard. **Construir e habitar**. Ética para uma cidade aberta. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2018.

SILVA, Valéria Cristina Pereira da. 2001. As representações das cidades. **Formação**. Presidente Prudente, n. 8, 2001. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/1207/1203>. Acesso em: 10 abr. 2024.

STUCHI, Silvia (coord.). **Práticas pedagógicas**. São Paulo: Instituto Corrida Amiga, 2022. Disponível em: <https://corridaamiga.org/wp-content/uploads/2022/10/Praticas-Pedagogicas-Corrida-Amiga-2a-Edicao.pdf>. Acesso em: 15 maio 2023.